

DONALD MILLER

**UM MILHÃO
DE QUILOMETROS
EM MIL ANOS**

O que aprendi enquanto editava minha vida

Tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes


garimpo
EDITORIAL
São Paulo

SUMÁRIO

<i>Dedicatória</i>	7
<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Nota do autor</i>	13

1ª PARTE: EXPOSIÇÃO

1. Cenas aleatórias	17
2. Um milhão de quilômetros em mil anos	23
3. Eles caíam como plumas	30
4. Minha vida real era sem graça	36
5. Corpo e alma melhores	43
6. O enterro de meu tio e um casamento	45
7. Visitando o professor	54
8. Os elementos de uma vida com sentido	59
9. Como Jason salvou sua família	65

2ª PARTE: UM PERSONAGEM

10. Escrevendo o mundo	73
11. Imperfeito é perfeito	77
12. Você será diferente no final	85
13. O personagem é o que ele faz	88
14. Salvando o gato	97
15. Ouça seu escritor	101
16. Alguma coisa no papel	109

3ª PARTE: UM PERSONAGEM QUE QUER ALGO

17. Como fazer com que você escreva uma história melhor	113
18. Um incidente incitante	123

19. Apontando para o horizonte	127
20. Viradas negativas	130
21. Uma boa história roubada	137
22. Uma história prática	151
23. Uma virada positiva	161
24. Conhecendo Bob	170

**4ª PARTE: UM PERSONAGEM QUE QUER ALGO
E SUPERA O CONFLITO**

25. Uma história melhor	187
26. O que acontece em uma travessia	193
27. A dor nos unirá	199
28. Uma árvore em uma história sobre uma floresta	206
29. A razão por que Deus ainda não consertou você	218
30. Grandes histórias têm cenas memoráveis	225

**5ª PARTE: UM PERSONAGEM QUE QUER ALGO E
SUPERA O CONFLITO PARA OBTÊ-LO**

31. Apertando o gato	235
32. A beleza de uma tragédia	238
33. Tudo o que você tem de fazer é tentar	248
34. Dizer algo do nada	251
35. Neve de verão em Delaware	257
36. Onde antes não havia nada	263

<i>Epílogo</i>	269
<i>Sobre o autor</i>	271

DEDICATÓRIA

A Kathryn Helmers, por me dar uma chance
de contar minha história.

A Tara Brown, por organizar minha história
com tanto jeito.

E a Jim Chaffee, por abrir a porta para eu
contar minha história.

Vocês deram profundidade e alegria à minha
narrativa. Meu muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

MINHA CARREIRA E, nesse sentido, minha vida estavam paradas antes de eu conhecer Steve Taylor e Ben Pearson. Não sei ao certo onde eu estaria se não fosse o relacionamento com eles. Com certeza eu não teria escrito este livro. Obrigado por me ajudarem a escrever minha história de várias maneiras.

Sou grato também às pessoas da Thomas Nelson Publishers. A Brian Hampton e sua equipe pela paciência e pelo incentivo durante o processo de rascunhar manuscrito após manuscrito; a Bryan Norman por examinar cada ideia e ajudar-me a acreditar que esta era uma história que valia a pena contar; e a Kathie Johnson por apoiá-lo de modo tão surpreendente com incontáveis detalhes durante todo o processo. Obrigado a Michael Hyatt, Heather Adams, Gabe Wicks e Kristi Henson. E obrigado às equipes de venda — vocês se esforçaram tanto para pôr meus livros nas livrarias, e mais ainda para conseguir o apoio de revendedores para que minha mensagem tivesse uma chance! Sou sinceramente grato.

Obrigado a Tara Brown, Jim Chaffee e Kathryn Helmers, como também a Dan Raines e Eric Goss, que tornam minha

vida organizada e produtiva. Trabalhar não era para ser tão divertido assim.

Sou grato a Ride:Well Team. Há mais países para atravessar e quero atravessá-los com vocês. Obrigado a Mike Barrow, Criselda Vasquez, Jesse e Brianne Olson, Erin McDermott, Greg Bargo, Brandon Bargo, David Van Buskirk, Margie Gordner, Jen Tyler, Drew Nelson, Jessie Abt, Matthew Williams, Gregg Mwendwa, Jessica Blocker, Joanne Candicamo e Mindy Gunter. Obrigado a Jena Lee, da Blood:Water Mission, Gary Haungen, da International Justice Mission, Duncan Campbell, do Amigos das Crianças, Jim Bisenius, da Common Sense Investments, Aaron Smith, da Venture Expeditions, ao pessoal da Restore International, da Lance Armstrong e da The Livestrong Foundation, Catherine Rohr, do Prison Entrepreneurship Program, e Josh Shipp, no site www.joshshipp.com, por contar ao mundo histórias que valem a pena recontar neste livro e por restaurar a referência moral para cada de um nós. Também quero agradecer a Tom Ritchey, do Projeto Ruanda, um homem que é uma história, e cuja história inspira a minha.

Sou grato pela equipe de gênios que fazem parte do Projeto Mentor. Obrigado aos nossos mentores, às nossas mães solteiras, aos nossos parceiros de igreja e à nossa equipe que está editando a história de quem é órfão de pai nos Estados Unidos. Sem o dr. John Sowers, Kurt Nelson, Shaun Garman, Justin Zoradi, Wade Trimmer e Hannah Harrod, inúmeras crianças, por muitas gerações, cresceriam sem exemplos positivos de homens para seguir. A história que vocês estão escrevendo irá transformar o mundo.

Jordan Green, obrigado por me deixar escrever sobre você e por ser esse grande personagem, tanto nos livros como na vida.

Barak Hardley, obrigado por seus esboços.

Robert McKee, obrigado por dedicar seu tempo para examinar este livro, por concordar e discordar, e por expandir o mundo para tantos alunos que aprenderam com você a contar tantas histórias maravilhosas.

Gostaria de agradecer a James Scott Bell também, por seu livro *Plot and Structure* [Enredo e estrutura], que foi muito útil para que eu aprendesse a escrever e a viver histórias melhores.

Obrigado a *you* por continuar a ler meus livros. Você tem me dado a melhor vida que eu poderia imaginar. Adoro fazer este trabalho e espero continuar nele por muito tempo. Sem você, eu não estaria em nenhum lugar. Sou muito grato.

E, por fim, quero agradecer a Bob Goff. Você é o melhor contador de histórias que conheço. Quero que você escreva seu próprio livro para que as pessoas finalmente acreditem que as histórias que conto a seu respeito são verdadeiras. Amo você e sua família e sou grato por você ter adotado mais um desajeitado em sua tribo. Que Deus continue a abençoar sua história e que ela seja recontada na vida de milhões de pessoas.

Para ter uma vaga ideia do que Bob é capaz de fazer, por favor, visite o site www.restoreinternational.org.

NOTA DO AUTOR

SE ASSISTISSE A UM FILME sobre um menino que queria um Volvo e trabalhou durante anos para comprá-lo, você não choraria no fim ao vê-lo sair do estacionamento ao volante, testando o limpador de pára-brisas. Você não diria a seus amigos que assistiu a um filme bonito nem iria para casa e apertaria o botão do DVD para se lembrar da história que viu. A verdade é que você não iria se lembrar do filme uma semana depois, a não ser que se sentisse lesado e quisesse seu dinheiro de volta. Ninguém chora no fim de um filme sobre um menino que quer um Volvo.

Mas, na verdade, passamos anos vivendo essas histórias e esperamos que nossa vida tenha sentido. A verdade é que, se o que escolhemos fazer com nossa vida não criar uma história com sentido, isso também não dará sentido à vida. O que quero dizer com isso é o seguinte:



1ª PARTE
EXPOSIÇÃO

capítulo um

CENAS ALEATÓRIAS

• • •

O MAIS TRISTE COM RELAÇÃO à vida é não se lembrar de metade dela. Não se lembrar nem de metade da metade dela. Não se lembrar nem mesmo de uma ínfima porcentagem, se quiser saber a verdade. Tenho um amigo chamado Bob que escreve tudo o que lembra. Se lembrar que deixou cair um sorvete de casquinha no colo quando tinha sete anos, ele vai escrever isso. A última vez que conversei com Bob, ele tinha escrito mais de quinhentas páginas de memórias. Ele é o único cara que conheço que se lembra de sua vida. Ele disse que capta lembranças porque, se esquecer-las, é como se não tivessem acontecido, como se ele não tivesse vivido as partes que não lembra.

Pensei nisso quando ele comentou e tentei me lembrar de algo. Lembrei-me de ter ganhado uma insígnia de mérito como escoteiro quando tinha sete anos, mas só consegui me lembrar disso. Eu a ganhei por ajudar um vizinho a cortar uma árvore.

Vou dizer isso para Deus quando ele perguntar o que fiz com minha vida. Vou dizer que cortei uma árvore e ganhei uma insígnia por isso. É muito provável que ele queira ver a insígnia, mas eu a perdi anos atrás e, por isso, quando eu tiver terminado minha história, Deus provavelmente estará sentado ali, olhando para minha cara de quem imagina o que vai falar em seguida. Deus e Bob provavelmente vão conversar durante dias.

Sei que tive muitas experiências além dessa, mas não há como me lembrar delas. A vida não é memorável o suficiente para que nos lembremos de tudo. Não é como se houvesse explosões acontecendo o tempo todo ou cachorros fumando. A vida é mais lenta. É como se todos estivéssemos assistindo a um filme, esperando algo acontecer e, a cada dois meses, o público apon-tasse para a tela e dissesse: “Aquele cara recebeu uma multa por estacionar em local proibido.” É estranho aquilo de que nos lembramos.

Tentei me lembrar de mais coisas e fiz uma lista, que se resumiu a momentos em que venci em algo, a momentos em que perdi em alguma coisa, a consultas com o dentista na infância, à primeira vez que vi uma menina sem blusa e tempestades ter-ríveis.



Depois de tentar fazer uma lista das coisas que lembrei, percebi que minha vida, em grande parte, foi uma série de experiências aleatórias. Quando eu estava no Ensino Médio, por exemplo, a rainha do colégio me pediu um beijo. E naquele ano, fui eu que

marquei o gol que deu a vitória ao meu time; os meninos do naipe de tubas venceram as meninas do naipe de clarinetes por 21 a 14. Depois de um ano ou algo assim, venci meu amigo Jason no tênis, e ele fazia parte da equipe de tênis. Comprei uma caminhonete nova depois disso. E uma vez, em um concerto, minha namorada e eu nos enfiamos nos bastidores para pegar um autógrafo de Harry Connick Jr. Ele havia acabado de se casar com uma modelo da Victoria Secret, e juro que ela ficou olhando para meu cabelo muito mais tempo do que devia.

O interessante é que, quando você tenta se lembrar da própria vida, isso o faz se perguntar o que parte dela significa. Você tem a sensação de que a vida significa algo, mas não sabe ao certo o quê. Quando você olha para trás, a vida tem um sentido peculiar que ela não tem quando você a está vivendo de fato.

Às vezes sou tentado a acreditar que a vida não significa absolutamente nada. Segundo filósofos que li, as experiências significativas são puramente subjetivas, e entendo por que eles acreditam nisso, pois não se pode provar que a vida, o amor e a morte sejam algo mais do que acontecimentos aleatórios. Mas aí você começa a pensar em algumas das cenas que viveu e, se tiver bebido um pouco, elas passam a ter um caráter sentimental que o leva a acreditar que todos somos poemas que vêm do barro.

A verdade é que a vida poderia significar uma série de coisas. Há vários anos, enquanto meus amigos Kyle e Fred visitavam Oregon, por exemplo, fomos de carro para o deserto e subimos o Smith Rock. Houve incêndios florestais na Cordilheira das Cascatas naquele verão, por isso pairava um nevoeiro

no Columbia River Gorge. A fumaça descia o rio e realçava um cinza mais escuro entre as montanhas. Quando o sol se pôs, o céu se iluminou como se Jesus estivesse voltando. E quando a cor começou a aparecer, meus amigos e eu paramos de conversar. Nós nos sentamos, ficamos observando por quase uma hora e depois dissemos que não tínhamos visto nada melhor. Imaginei então se a vida não tinha a ver com natureza, se não deveríamos viver no meio do mato e passar a fazer parte da floresta como se fôssemos musgos em árvores.

Mas, naquele mesmo ano, conheci uma garota chamada Kim, que não usava calçados. Ela era adorável e bonita, e mesmo durante o inverno de Oregon, saía do carro, passeava pelos corredores da loja, andava nas lanchonetes e atravessava o chão sujo e frio do correio completamente descalça. Eu gostava muito dela. Uma noite, enquanto olhava para ela, eu me perguntei se a vida tinha a ver com afeição romântica, com a troca que há entre um homem e uma mulher. Percebi que eu não sentia por musgo em árvores o que sentia por Kim.

E quando meus amigos Paul e Danielle tiveram sua segunda filha, fui ao hospital e segurei-a nos braços. Ela era pequeninha, quente como um gatinho sem pelos e dependente. Quando olhei para sua mãe, os olhos de Danielle me disseram que a vida era muito mais do que pores do sol e romance. Foi como se ter um filho fizesse com que todos os contos de fadas se realizassem para ela, como se ela fosse uma pintora que descobriu uma cor totalmente nova para o mundo.

Posso imaginar o tipo de conversa que Danielle e Deus vão ter, como ela vai se sentar e contar-lhe as partes favoritas da

história que ele lhe deu. Ao olhar para trás, você tem a sensação de que isso é tudo o que Deus realmente quer de nós: viver dentro de um corpo que ele criou e curtir a história e a ligação que temos com ela por meio da experiência.

Entretanto, nem todas as cenas de minha vida foram agradáveis, e não sei ao certo o que Deus pretende com as coisas difíceis. Não passei por muitas dificuldades, não como as que se vê no noticiário; e as lembranças fortes que tenho parecem experiências aleatórias. Quando eu tinha nove anos, por exemplo, fugi de casa. Fui correndo até o campo do outro lado da rua, onde me escondi na grama alta. Minha mãe acendeu a luz da varanda, entrou no carro, foi ao McDonald's e voltou com um McLanche Feliz. Quando chegou em casa, ela ficou segurando o pacote da lanchonete a uma altura que me permitia vê-lo por cima do mato. Vim pelo caminho de olho no pacote até chegar à porta, e ele reluzia sob a luz da varanda antes de entrar em casa. Levei mais dez minutos. Sentei-me em silêncio à mesa e comi o hambúrguer enquanto minha mãe assistia à televisão sentada no sofá. Nenhum de nós disse uma palavra. Não sei por que me lembro dessa cena, mas me lembro. E me lembro de ir para a cama me sentindo um fracasso, como uma criança que não conseguiu fugir de casa.

Grande parte das cenas dolorosas em minha vida tem a ver com obesidade. Fiquei gordo quando era criança e engordei mais quando adulto. Depois do Ensino Médio, tive uma namorada que queria me ver sem camisa, mas não houve jeito. Eu sabia que ela me deixaria se me visse assim. Ela não me deixaria naquele instante, mas faria isso quando encontrasse um motivo

mais nobre. Ela nunca me deixou, mas também nunca tirei a camisa. Eu a beijava no pescoço, ela colocava a mão dentro de minha camisa, eu puxava a mão dela e então perdia a concentração. Imagino que um terapeuta diria que essa lembrança indica algo, mas não sei o quê. Não tenho terapeuta.

Quando eu estava no Ensino Médio, tivemos de ler *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger. Gostei do livro, mas não sei por quê. Volto a lê-lo algumas vezes, mas agora ele me incomoda. No entanto, ainda me lembro das cenas. Lembro-me de Holden Caulfield no banco de trás de um táxi, perguntando ao motorista para onde iam os patos do Central Park no inverno. E me lembro das freiras pedindo doações. Lembro-me da última cena do livro também, quando o leitor percebe que Holden estava contando a história a um psiquiatra em um hospício. Eu me pergunto se é isso que faremos com Deus quando tudo tiver acabado, se ele nos mostrará o céu, toda a luz entrando por janelas a mais de mil quilômetros de distância, todos os campos se estendendo até algumas cadeiras debaixo de uma árvore, em um campo fora da cidade. E nós vamos nos sentar e contar-lhe nossas histórias, e ele irá sorrir e dizer-nos o que significam.

Eu só espero ter algo interessante para contar.